



**PERU /** Presidente descarta renúncia e cobra do Congresso a antecipação das eleições. Ao lamentar as mortes ocorridas nas manifestações contra a deposição de Pedro Castillo, de quem era vice, ela afirma que os grupos radicais já estavam organizados

# Boluarte diz que fica

Um dia após o Parlamento peruano rejeitar a proposta de antecipar as eleições de 2026 para 2023 e em meio a fortes protestos por todo o país, a presidente Dina Boluarte afirmou que não vai renunciar e cobrou do Congresso a convocação do pleito para dezembro do próximo ano. "Tem um grupo que fala 'Dina renuncie', mas o que está resolvido? O problema não está resolvido. Vamos ficar firmes aqui até que o Congresso aprove as eleições antecipadas. Devemos nos manter firmes para dizer não à violência", afirmou.

A iniciativa proposta por Boluarte permitiria sua saída do poder em abril de 2024. Ontem, a presidente afirmou que mais de 80% da população quer a antecipação do pleito, mas a resistência no Congresso é forte. "O que virá é a renúncia de Dina Boluarte, que dará vez a uma transição democrática", afirmou a parlamentar de esquerda Ruth Luque. "Pela quantidade de peruanos mortos, a senhora Boluarte deveria renunciar", disse a congressista de centro Susel Paredes.

Desde 7 de dezembro, o país é palco de protestos violentos, motivados pela destituição do ex-presidente Pedro Castillo. Segundo a imprensa peruana, até ontem ocorreram 20 óbitos, incluindo menores de idade, além de centenas de feridos e ao menos 147 prisões. Os manifestantes pedem a libertação de Castillo, a renúncia de Boluarte, o fechamento do Parlamento e eleições gerais imediatas.

As mobilizações têm sido mais

AFP



Sob pressão popular e política, a governante anuncia reforma ministerial apenas uma semana após ter formado seu gabinete

intensas nos Andes do sul do Peru, uma região assolada pela pobreza e com demandas sociais repressadas. A nova governante, natural de Apurímac, uma das áreas em conflito, divulgou parte de sua

mensagem em quíchua, idioma falado por parte importante dos habitantes andinos do país.

Em pronunciamento televisado à nação, Boluarte lamentou os protestos. Em alguns casos, as

mortes ocorreram após enfrentamentos com militares, autorizados a atuar na segurança pública como parte da instalação de um estado de emergência. A ex-vice de Castillo explicou que a presença

das Forças Armadas nas ruas é para "cuidar e proteger" os cidadãos, "porque a situação estava ficando fora de controle, com a presença de grupos violentos". "Esses grupos não surgiram da noite para o dia,

estavam organizados taticamente para bloquear rodovias", acrescentou. "Só vamos conseguir trabalhar com calma, cordialidade e diálogo sincero e aberto. Como vamos brigar entre nós, peruanos, arruinar nossas instituições, bloquear estradas?", questionou.

## Gabinete

Em entrevista coletiva, Dina Boluarte também anunciou que vai reformar sua equipe de governo, apenas uma semana depois de empossar 17 ministros. "Quero anunciar que o Gabinete que formamos naquele momento respondeu a essa crise. Vamos recompô-lo para dar maior tranquilidade à nossa população", afirmou.

Na sexta-feira, dois ministros renunciaram ao cargo. Patricia Correa, da Educação, e Jair Perez Brañez, da Cultura, alegaram que não poderiam fazer parte do governo depois de oito civis terem morrido no dia anterior, em atos contra a destituição de Castillo. Ontem, integrantes do Exército, citados pela agência de notícias France Presse, afirmaram que os "protestos radicais" haviam diminuído.

Professor rural de esquerda e de origem humilde, o ex-presidente tentou aplicar um autogolpe de Estado, fechar o Congresso, intervir nos poderes públicos e governar por decreto. Ele foi preso em flagrante quando tentava chegar à Embaixada do México para pedir asilo. A Justiça decidiu que o ex-presidente permanecerá preso por 18 meses, até junho de 2024, enquanto é investigado por rebelião.

## IRÃ

# Atriz presa por apoio a protestos

Ativista pelos direitos das mulheres, a famosa atriz iraniana Taraneh Alidoosti foi detida, ontem, sob a acusação de conexão com o movimento de protesto deflagrado após a morte da jovem Mahsa Amini, que entrou em seu quarto mês. Conhecida por ter atuado em diversos filmes do cineasta Asghar Farhadi, a artista havia manifestado apoio, pelo Instagram, às manifestações.

Mahsa Amini, uma iraniana de origem curda de 22 anos, morreu em 16 de setembro, após ser presa em Teerã pela polícia da

moralidade. A jovem, denunciaram as autoridades, teria violado o rígido código de vestimenta que o regime impõe às mulheres, incluindo o uso do véu islâmico em público.

"Taraneh Alidoosti foi detida por suas ações recentes, publicando informação e conteúdos falsos, e por incitar o caos", anunciou a agência Tasnim, sem detalhar o local onde a atriz está detida.

Em 8 de dezembro, a artista, de 38 anos, repudiou a execução de Mohsen Shekari na forca depois que ele foi acusado de promover uma "guerra contra Deus".

"Qualquer organização internacional que observa este banho de sangue sem reagir representa uma vergonha para a humanidade", escreveu Alidoosti em seu perfil no Instagram.

No mês anterior, ela havia prometido permanecer em seu país e "pagar o preço" necessário para defender seus direitos. Na ocasião, ela disse que deixaria de trabalhar para apoiar as famílias das pessoas assassinadas ou presas durante as manifestações.

Taraneh Alidoosti é especialmente conhecida por seu

trabalho no longa-metragem *O apartamento*, de Asghar Farhadi, premiado com o Oscar de melhor filme de língua não inglesa em 2017. Com carreira iniciada ainda na adolescência, ela atuou em *Leila e seus irmãos*, obra de Saeed Roustayi apresentada este ano no Festival de Cannes.

Desde meados de setembro, milhares de iranianos e cerca de 40 estrangeiros foram presos por relação com as manifestações, segundo as autoridades judiciais. Na última semana, dois homens foram condenados e enforcados.

LAURENT EMMANUEL



Taraneh Alidoosti é conhecida pela defesa dos direitos das mulheres

## Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

# O protocolo do longo adeus

Transições são comuns à vida. Quando ela ocorre e pessoas e instituições não ficam paralisadas, é que se tem a dimensão da maturidade dos personagens envolvidos.

Durante mais de 70 anos no trono inglês, a rainha Elizabeth II começou a sair de cena muito antes de morrer. Paulatinamente se afastou dos compromissos internacionais, transferiu para o marido a responsabilidade de inúmeros atos oficiais, distinguiu dois dos quatro filhos como sucessores capazes de assumir o trono e, assim, preparou o Reino Unido para a sua ausência.

Tony Blair, o mais longo primeiro-ministro inglês, quando viu sua popularidade despencar,

anunciou sua saída sete meses antes de deixar o cargo. Criou melhores condições para o Partido Trabalhista fazer a sucessão sem mais traumas do que os de sempre. Ao passar o poder para Gordon Brown, deixou no gabinete uma carta de boas-vindas. O mesmo fez Brown, anos depois. Ao renunciar, após a derrota trabalhista nas eleições, entregou o posto com igual altivez para o conservador David Cameron.

Minutos após o fechamento das urnas e anunciado o vencedor, a candidata de extrema direita francesa, Marine Le Pen, ligou para o vitorioso Emmanuel Macron e cumprimentou pela vitória. E consolou seus apoiadores: "Com

41% dos votos, obtivemos uma vitória marcante. Milhões de compatriotas compreenderam nossa mensagem. Eu não tenho ressentimentos. Nesta derrota, não posso deixar de sentir uma esperança".

Quanto de educação uma pessoa suporta diante da realidade de uma decepção? Quanto de simpatia se deve oferecer a alguém despreparado para enfrentar frustração? Sofrer com um fracasso é normal. Levantar o sofrimento à depressão pode ser anormal. Especialmente se sugere um tipo de depressivo que quer ser infeliz para legitimar a depressão.

Quando o líder pacifista e da independência da Índia Mahatma Gandhi foi assassinado, enquanto agonizava em sua casa em Nova Délhi, perguntou a sua filha e sucessora quem era o atirador. Ao saber que não era um estrangeiro paquistanês, mas um compatriota e hindu, acalmou-se e disse: melhor assim, não temos com quem comparar ninguém de fora.

São fatos e atos regulares que tornam a democracia plena, falha ou imperfeita. O protocolo, as leis preestabelecidas e suas regras conhecidas, o acordo de convivência, são inúmeras as formas existentes em todos os países para o governante evitar tropeçar na realidade. E encontrar desculpa para se comportar de maneira inflexível diante de situações novas.

Os termos da transição das relações de saída do Reino Unido da União Europeia — em virtude do Brexit — exigiram paciência e determinação inimagináveis. Consultas e contatos, procedimentos, orientações pormenorizadas, formalidades aplicáveis aos dois lados, não teriam chegado ao texto comum se não houvesse responsabilidade pública nacional e internacional dos negociadores. Ao ser solenemente assinado o Memorando de Entendimento consagrou a vitória da civilidade, mais do que, talvez, do comércio e dos impostos. Pois, mesmo

havendo conflitos, até hoje insuperáveis — nascido do divórcio amigável entre nações, após meio século de casamento, por razões econômicas, comerciais e culturais —, o protocolo protege a liturgia do interesse público e privado, iguala o desajeitado e castiga o deseducado.

Ruim mesmo, para quem gosta e pode viajar, foi voltar a valer o passaporte, o documento oficial da desconfiança entre as nações, dando à burocracia poder sobre o livre trânsito de pessoas entre os dois lados do Canal da Mancha. Um retrocesso enorme para a população. O que fazer? Decisão de plebiscito, em eleição livre.

Protocolo é mais simples do que cortesia, etiqueta ou pompa. Descreve a condição que cerca um fato e possui ligação com sua natureza. Organiza a cerimônia de maneira formal, ritual. Até para desfile de carnaval tem protocolo. São regras para quem quer evitar aborrecimento e frear os

fantasmas do insatisfeito. O protocolo é feito para acalmar.

Mesmo que a pessoa tenha uma opinião muito forte sobre si mesma, como ocorre com vaidosos, militares e reis, o caminho que a humanidade trilhou para se tornar hospitaleira é longo, e ainda não chegou ao fim. Diante do protocolo de Estado, a personalidade da pessoa é apenas parte do seu programa de vida, não um impasse.

Quando você fala com uma pessoa e ela não ouve o que você diz, ela precisa de um protocolo qualquer para viver em sociedade. Foi o que fizeram os Estados e os governos quando se tornaram democráticos. Assim como nada na vida fica parado, a alma das pessoas guarda segredos. Não é diferente no Brasil. O governante que não respeita protocolo está em confronto com o adeus ao cargo, não com o protocolo.

PAULO DELGADO, sociólogo